

CAPITU: A MULHER FATAL DENTRO DE CASA¹Linda Catarina GUALDA²

RESUMO: No contexto do século XIX só havia uma possibilidade para Machado de Assis: condenar a mulher que circulava fora de casa e, dessa forma, afrontava o marido e a sociedade. Por isso, uma Capitu ousada e independente deve esperar somente pela morte. Mas não bastava ir buscar essa mulher na rua, era necessário que o perigo estivesse dentro da casa para garantir maior veracidade e efeito catártico no leitor. Sendo assim, não se pode esperar um *happy end* da relação com esse tipo de mulher, já que ela pode levar à degradação e à perda da inocência.

Palavras-chave: Capitu; Representação do feminino; *Dom Casmurro*.

ABSTRACT: In the context of 19th. century there is only a possibility to Machado de Assis: to condemn the woman who walked out home and because of that insult his husband and the society. So, an independent and daring character as Capitu must expect only her death. But it was not enough to meet this woman in the street, it was necessary that the dangerous woman lived inside the house to guarantee truth and cathartic effect in the reader. Thereby we can not expect a happy end in this kind of relationship, because this woman can take us to moral degradation and lost of innocence.

Keywords: Capitu; Feminine representation; *Dom Casmurro*.

1. Considerações Iniciais

No mundo sócio-cultural da segunda metade do século XIX, a figura feminina sinalizava perigo quando ambiciona deixar o espaço restrito do lar e partir para o domínio do meio exterior – espaço reservado apenas aos homens. Nesse contexto, não havia outra possibilidade para Machado de Assis a não ser condenar a mulher que circulava fora de casa e, dessa forma, afrontava o marido e a sociedade. Por isso, uma Capitu que figura ousadia, malícia e “traição” deve sair de cena podendo esperar somente pela morte. No entanto, não bastava ir buscar essa mulher na rua, “era necessário que o perigo não apenas rondasse a casa, mas estivesse presente nela mesma, de preferência incrustada no elemento de sustentação do sistema, o proprietário Bentinho” (Passos, 2003, p. 14).

Entretanto, para garantir a veracidade e conseguir o efeito catártico no leitor, era preciso caracterizar a vizinha desde a infância, apelando para alguns dados “da categoria de mulheres que destroem a vida e a reputação de um homem” (Passos, 2003, p. 15). Por esse motivo, não se pode esperar um *happy end* da relação com esse tipo de mulher, já que ela

¹ O presente artigo é um recorte de nossa dissertação de mestrado defendida em janeiro de 2007 sob a orientação da Profa. Dra. Cleide Antonia Rappuci e com o título “Representações do feminino em *Dom Casmurro* e *The Turn of the Screw*”.

² Mestre em Literatura Comparada e Doutoranda - UNESP/Assis. Atua como professora efetiva de Português e Inglês na Rede Estadual de Ensino na cidade de Limeira/SP.

pode levar à degradação e à perda da inocência. Aliás, o perigo associado à beleza, que é uma marca da literatura cultivada principalmente pelos românticos³, aparece em *Dom Casmurro* com muita força, basta notar que a figura feminina “de condição social inferior é bela, misteriosa e atraente, personificando o amor juvenil, marca inicial da afetividade tão ligada à casa, aos costumes patriarcais e aos encantos das famílias que se conhecem e se estimam, malgrado a diferença de posses e prestígio” (Passos, 2003, p. 26). Vejamos alguns exemplos dessa beleza que tanto incomoda o narrador:

Se isto vos parecer enfático, desgraçado leitor, é que nunca pesteastes uma pequena, nunca pusestes as mãos adolescentes na jovem cabeça de uma ninfa...*Uma ninfa!* (33º capítulo, p. 86 – grifo nosso).

De dançar gostava, e enfeitava-se com amor quando ia a um baile; os braços é que... Os braços merecem um período.

Eram *belos*, e na primeira noite que os levou nus a um baile, não creio que houvesse iguais na cidade (...) *Eram os mais belos da noite*, a ponto que me encheram de desvanecimento. (104º capítulo, p. 192 – grifo nosso).

Nos primeiros exemplos, extraídos da primeira parte da narrativa, percebemos em Bentinho uma paixão adolescente que idealiza a amada, transformando-a numa entidade mitológica; já no último trecho, pertencente à segunda parte do romance, esse sentimento inocente e saudável vai dando lugar a um ciúme doentio, descontrolado, onde o amor místico cede e é preenchido pela possessividade e pela angústia. Incomodado com exposição da figura da mulher que atraía olhares masculinos, Bento Santiago vai mostrando aos poucos uma Capitu exibida, que gostava de sair de casa para provocar o marido e despertar desejos em outros homens. Acompanhemos:

A alegria com que pôs o seu chapéu de casada, e o ar de casada com que me deu a mão para entrar e sair do carro, e o braço para andar na rua, tudo me mostrou que a causa da impaciência de Capitu eram os sinais exteriores do novo estado. Não lhe bastava ser casada entre quatro paredes e algumas árvores; precisava do resto do mundo, também (102º capítulo, p. 189).

Já não foi assim no segundo baile; nesse, quando vi que os homens não se fartavam de olhar para eles [os braços], de os buscar, quase de os pedir, e que roçavam por eles as mangas pretas, fiquei vexado e aborrecido (105 capítulo, p. 192).

É interessante perceber nesses dois trechos que Machado busca uma conciliação impossível: retratar em Capitu alguns aspectos da mulher fatal e ao mesmo tempo concebê-la uma senhora do lar, bem casada e sem nenhum motivo aparente para a traição. Isso posto, fica

³ A esse respeito consultar PASSOS, Gilberto Pinheiro. **Capitu e a mulher fatal**: análise da presença francesa em *Dom Casmurro*. São Paulo: Nankin Editorial, 2003. Segundo o autor, os românticos cultivaram a idéia da magia destruidora feminina apresentada em cortesãs famosa, ciganas deslumbrantes que representaram o tema da Mulher fatal, “cujo erotismo estofava a trama e também fazia ressaltar o contraste com a regrada vida burguesa” (p. 26).

fácil lembrarmos da figura de Emma Bovary, mas em *Dom Casmurro*, “Machado vai mais longe, porque, desde o início, acena com um “fechamento” familiar que se mostra significativo e dá à inserção de Capitu no quadro doméstico a característica de elemento problematizador” (Passos, 2003, p. 31).

Capitu ia crescendo às carreiras, as formas arredondavam-se e avigoravam-se com grande intensidade; moralmente, a mesma coisa. Era mulher por dentro e por fora, mulher à direita e à esquerda, mulher por todos os lados, e desde os pés até a cabeça. Esse arvorecer era mais apressado, agora que eu a via de dias a dias; de cada vez que vinha a casa achava-a mais alta e mais cheia; os olhos pareciam ter outra reflexão, e a boca outro império (83º capítulo, p. 162).

Temos aí a mulher que contempla em si poder e sensualidade, onde “império e explosão do corpo insistem na condição do fascínio. (...) A impressão que ela causa faz revitalizar-se ou nascer a perspectiva do encontro com o sexo” (Passos, 2003, p. 35-36). Nesse sentido, o corpo de Capitu estará sempre em evidência, característica muito comum nas narrativas que trazem à tona o tema da mulher fatal que destrói o homem. Em *Dom Casmurro* o corpo propicia relações e imagens de vários tipos, fundindo-se na metonímia dos olhos. Estes serão o elemento que particulariza a mulher na obra e sua caracterização oscila entre claros e grandes, herdados da mãe, de cigana oblíqua e dissimulada, de ressaca. De acordo com Gilberto Pinheiro Passos, os olhos de Capitu

tendem a espreitar, aquilatar diferenças, estudar oportunidades. Sedução e cálculo complementam-se no olhar oblíquo, que arrebatava, fingindo indiferença e busca o encontro, por meios indiretos. No século XIX, o sexo feminino não tem o direito da livre expressão de sentimentos. Olhar é um meio de dar a conhecer sem o compromisso da palavra que, mais social e marcante, vincula de modo imperioso (Passos, 2003, p. 38).

Em outras palavras, os olhos de Capitu tem o mesmo poder e força da voz autorizada de Bentinho, detentor da palavra, do juízo e da mulher. “Presentes num corpo que o tempo o tornará mais e mais sedutor, os olhos representam a ponte entre a condição da Mulher e as expectativas afetivas do narrador” (Passos, 2003, p. 39). Sem direito à palavra, só resta à mulher olhar e ser olhada, se fazer vista através de uma marca que a torna perigosa ao mesmo tempo em que objeto de desejo. Representada a partir de um padrão que é tido como inerente a todas as mulheres, Capitu carrega em si o drama de ser bonita e desejada e, exatamente por isso, temida e descartada.

A imagem dos olhos de Capitu é construída por José Dias e posteriormente endossada por Bentinho. As opiniões de José Dias incutidas na mente de Bento Santiago tentam manter o *status quo* ao qual se sente ligado e constituem a voz do mundo, aquela que alerta aos

perigos da figura feminina, tentando proteger o homem que, apesar de ser a parte forte da relação, é sempre vítima da mulher. Essa proteção se dá ao nível social, o agregado “propaga dúvidas a salientar os desníveis sociais que conhece tão bem” (Passos, 2003, p. 46). Por isso, o agregado nos revela muito dela: Capitu é fonte de problemas, traz em si a marca da negatividade familiar e, sendo assim, deve-se desconfiar de seus encantos.

Nesse sentido, Capitu carrega a marca da diferença e esta é tida como perigosa porque é superior, porque não se deixa subjugar, porque enfrenta os homens que a desmerecem. A idéia dos “olhos de cigana oblíqua e dissimulada” é pejorativa, assim como tudo que envolve Capitu: suas curiosidades, seu interesse em aprender, seu carinho pela mãe de Bento, sua amizade com Escobar. Seus olhos “malignos, porque ofertados pelo demônio, trazem a marca da alteridade malsã, presente na relação com os ciganos, povo nômade de língua e costumes para sempre *estrangeiro*, ao mesmo tempo que imemorialmente perseguido e temido” (Passos, 2003, p. 38-39 – grifo nosso).

O estrangeiro em *Dom Casmurro* está associado à mulher marcando sua minoria em todos os sentidos: a minoria de ação, de voz e de defesa. Há uma relação de força entre o narrador e Capitu confrontada entre os olhos desta e as palavras daquele. Nesse jogo de poder, Bento Santiago “tentará retratá-la num embate ambíguo entre a fascinação, o medo e a consciência mais ou menos aguda de estar sendo arrastado para o opróbrio” (Passos, 2003, p. 56). A fase de ruptura se dá quando o casal não consegue resolver o conflito criado por Bento e imposto à Capitu, conflito este associado ao gênero, já que entre ambos não há identificação, devido à opressão, a subjugação e ao poder. A diferença marcada pela não-aproximação e pela inexistência de um diálogo mental faz com que a mulher sinta-se estranha em seu próprio meio e, por isso, deseja livrar-se das amarras do marido. Entretanto, por ser uma obra que perpetua a distinção entre masculino e feminino, não há uma possibilidade de saída para as mulheres e a luta silenciosa que trava com Bentinho é mais uma tentativa fracassada. Exilada de si mesma, a mulher é condenada a morrer sozinha. Vale ressaltar que

a palavra masculina é, também muitas vezes, a palavra do sobrevivente. É necessário que a Mulher – por ser transgressora – seja punida sobretudo com a morte. (...) A morte – simbólica e terminante – põe fim ao risco, não apenas porque rearticula a moral, fazendo em que o desregramento suceda a ordem anterior, mas também porque ajuda a configurar – juntamente com a doença e a decrepitude, o império do desprazer. *Não há lugar, no mundo organizado da produção, para essa figura – inquietantemente perdulária – que, ao mesmo tempo, liberta e aprisiona o homem* (Passos, 2003, 57-58 – grifos nosso).

A falta da palavra reveladora da Mulher acarreta em sua condenação: diante da impossibilidade da defesa, Capitu tem seu discurso castrado por um homem que se interpõe

entre ela e o leitor com a voz autorizada de alguém culto e detentor do poder social – o *homme de qualité*⁴. “Dá-se, aqui, um misto de altivez e – paradoxalmente – submissão. Nada nela é revelador, pois não encarna mais a figura da marginal, mas de uma burguesa do século XIX brasileiro, presa a um sistema patriarcal férreo, por mais que nosso narrador tente velá-lo”. Nesse sentido, “em *Dom Casmurro*, tudo se dá dentro dos padrões do respeito às aparências, configurando-se, mais uma vez, os ditames de uma narrativa que vem abolir o caráter marginal da Mulher, imergindo-a no clima recatado da família” (Passos, 2003, p. 83). Por isso, a condição feminina na obra está clara, ela conserva o padrão, na medida em que à mulher não é reservado outro domínio a não ser o privado, o submisso, o regrado pelo homem que impõe as normas a seguir e pune o não cumprimento destas.

Mesmo não sendo a personificação da cigana nem da cortesã, Capitu guarda traços de ambos os perfis femininos que denotam minoria, “ao mesmo tempo que incorpora os elementos caracterizadores da vida recatada da burguesia religiosa representada pela família vizinha e rica (Passos, 2003, p. 41). Essa idéia da mulher como duplo – anjo monstro, ou seja, a dona de casa, mãe, esposa dedicada e a infiel – faz de Capitu um enigma que nenhum dos personagens consegue desvendar. Desse modo,

a composição da personagem acompanha essa oscilação pendular que a tornará para sempre um misto de mistério e encanto, tanto mais pelo fato de se cruzarem nela o dado religioso, a modernidade urbana, em contraponto ao caráter patriarcal. (...) Daí a magnitude do “perigo”, já que a figura assim formada ultrapassa, em larga medida, os domínios senhoriais e incorpora indagações amplas que não encontram resposta nos acanhados limites desse narrador timorato, cuja explosão de sensualidade deverá ser acompanhada da dificultosa integração da vizinha à estrangeira (Passos, 2003, p. 52).

A idéia da mulher como estrangeira em *Dom Casmurro* se refere ao fato dela não encontrar no homem uma relação de cumplicidade, de troca, de respeito, já que não há valorização nem convívio harmonioso com as diferenças. Capitu representa o *Outro*, o excluído, o marginal que, ora Mulher fatal fazendo do marido uma marionete, ora anjo do lar, orgulhosa de sua condição de casada, precisa ser combatido com as amarras morais e sociais que o marido convenientemente lhe impõe. Essa caracterização dupla da mulher – anjo e monstro, cortesã e santa –, a mesma que Bentinho faz das duas mulheres de sua vida, faz de Capitu uma personagem artilosa, capaz de várias máscaras para atingir um objetivo. Vejamos como se efetiva sua representação de anjo, haja vista que o monstro já foi evocado com tanta ênfase:

⁴ Termo utilizado por Gilberto Pinheiro Passos, em sua obra **Capitu e a mulher fatal: análise da presença francesa em *Dom Casmurro***. São Paulo: Nankin Editorial, 2003, quando se refere a Bento Santiago.

Capitu não era menos terna para ele e para mim. Dávamos as mãos um ao outro, e, quando não olhávamos para o nosso filho, conversávamos de nós, do nosso passado e do nosso futuro (108º capítulo, p. 197).

No trecho acima fica nítido seu caráter maternal, sua felicidade com a nova vida junto ao marido, seu cumprimento do dever de esposa, mãe e dona do lar. Embora Capitu seja muitas vezes reconhecida por tudo isso, pela sua dedicação no lar, por se sentir feliz com a vida de casada e ostentar com orgulho o título de esposa, não é sua imagem de anjo que se sobressai na narrativa, ao contrário, a idéia de cigana e cortesã será fortalecida pelo elemento complicador e causador de toda a ruína do relacionamento, já fadado ao fracasso: o suposto adultério. Acusada de infidelidade, sua conduta moral é colocada à prova e a conclusão que o narrador chega e faz parecer a única possível é a de que a esposa poderia ser vista como cortesã. Nesse sentido, vale lembrar

que cortesãs, em geral, são conhecidas em razão de seus apelidos, mais do que por seus nomes. (...) Portanto, em Capitolina/Capitu não há apenas redução silábica, mas a passagem da “lealdade” sugerida para o à-vontade familiar da moça que, em caminhada decisiva, penetra em mundo diverso do seu, carregando para ele as supostas “marcas” de sua origem, já que o novo espaço a ser partilhado é composto de suspeitas e logros. Suspeitas que têm sua origem no agregado sempre alerta (Passos, 2003, p. 45).

O *locus* da Mulher fatal é o espaço público: a rua, o teatro, casas de amigos e festas, enquanto que o ambiente da mulher respeitosa é o privado, o lar. Entre ambos situa-se o espaço da janela, o *locus* intermediário e, por isso, causador de ciúmes por gerar dúvidas. Situado entre “a atmosfera ‘sacrossanta’ da felicidade, as exigências da lei patriarcal e a possibilidade de traição”, a janela é onde “o público espreita o privado, do mesmo modo que a figura feminina, ao olhar a rua e ser olhada pelos que nela estão, instaura o reino da ambiguidade, pois apresenta a possibilidade de se oferecer, na condição de promessa” (Passos, 2003, p. 48). Capitu transita entre ambos com imensa naturalidade, ao contrário de Bentinho que não se desloca no espaço e se incomoda com o fato da mulher conseguir penetrar nesses dois mundos tão díspares.

2 Considerações Finais

Resumindo, *Dom Casmurro* revela claramente “a existência de dois mundos distintos entre si, porque orientados segundo normas e códigos distintos para um e para outro, para homens e mulheres” (Stein, 1984, p. 75). Essa distinção é o que Toril Moi chama de *patriarchal oppression*. A obra, que solidifica o patriarcalismo nos quer fazer acreditar que

determinadas características são inerentes à mulher. No caso de Capitu, esses traços característicos são a dissimulação, a perfídia, a falsidade, o caráter maquiavélico, confrontando com aquilo que o narrador espera dela – doçura, meiguice, submissão, dependência. Apesar de lutar por independência e se mostrar uma mulher ativa, Capitu traz muito dessa essência feminina, definida por Julia Kristeva como feminilidade, reforçando o falocentrismo. Além disso, Machado de Assis perpetua a construção da mulher dentro de um espaço restrito e lança seu olhar para comportamentos e fatos ocorridos no ambiente doméstico. Tal olhar mostra o não-estar feminino no mundo, ou seja, sua ausência no lugar social de prestígio e também o seu não-saber, sua incapacidade moral e intelectual.

Mesmo Machado sendo um defensor das mulheres, ainda não havia espaço para o questionamento da condição da mulher na puritana e moralista sociedade da época. É nesse pano de fundo que surge Capitu, a metáfora da exclusão da voz e do direito à defesa mostrando que numa sociedade exigente do cumprimento do paradigma de valores fixos atribuídos ao feminino, a mulher infratora deve ser condenada à pena do exílio. Há claramente uma tentativa de silenciar a mulher, reprimindo sua experiência.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1997.

MOI, Toril. **Sexual/Textual Politics: Feminist Literary Theory**. London and New York: Routledge, 1985.

PASSOS, Gilberto Pinheiro. **Capitu e a mulher fatal: análise da presença francesa em Dom Casmurro**. São Paulo: Nankin Editorial, 2003.

STEIN, Ingrid. **Figuras femininas em Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.